



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – ICED

PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS

LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MARLEN AUGUSTA PIZZA GAMA

O POTENCIAL DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NA ALTA GESTÃO PÚBLICA

SANTARÉM

2023

MARLEN AUGUSTA PIZZA GAMA

O POTENCIAL DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NA ALTA GESTÃO PÚBLICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia. Curso de Licenciatura em Geografia, Instituto de Ciências da Educação – ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Alice Ferreira Rodrigues Dias

SANTARÉM

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

- G184p Gama, Marlen Augusta Pizza
 O potencial da prática interdisciplinar na alta Gestão Pública./ Marlen Augusta
 Pizza Gama. – Santarém, 2023.
 31 p.: il.
 Inclui bibliografias.
- Orientadora: Alice Ferreira Rodrigues Dias.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do
 Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Ciências Humanas, Licenciatura
 em Geografia.
1. Interdisciplinaridade. 2. Educação. 3. Mundo do trabalho. I. Dias, Alice Ferrei-
 ra Rodrigues, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 373.0981

MARLEN AUGUSTA PIZZA GAMA

O POTENCIAL DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NA ALTA GESTÃO PÚBLICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia. Curso de Licenciatura em Geografia, Instituto de Ciências da Educação – ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alice Ferreira Rodrigues Dias

TERMO DE APROVAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi analisado pelos componentes da Banca Examinadora, sendo considerado com nota: 97

Aprovado em: 04 de Julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. ^a Dr. ^a Alice Ferreira Rodrigues Dias (Orientadora)

UFOPA/Santarém

Prof. ^a Dr.^a Maria Betanha Cardoso Barbosa (Examinadora Interna)

UFOPA/Santarém

Prof. Dr.^a Mizant Couto de Andrade Santana (Examinadora Interna)

UFOPA/ICED/Santarém

A meu amado avô que sonhou junto comigo, mas hoje
vive apenas em minha memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser meu porto seguro, minha força e refúgio nos momentos de desânimo, bem sei que esteve presente em todos os dias da minha vida, tanto nos dias que sorrir quanto nos dias que chorei. Sou grata pelas bênçãos derramadas sobre minha vida e por seu amor incondicional por mim.

Agradeço também aos meus familiares que sempre me apoiaram e me incentivaram, especialmente a minha mãe Maria Marlete Pizza Gama, e minha avó Maria Gorete Pizza Gama, que sempre acreditaram no poder da educação, e fizeram o possível e o impossível para meus irmãos e eu termos acesso a ela.

Agradeço a minha orientadora Alice Ferreira Rodrigues Dias por ser uma excelente profissional, sem ela a realização deste trabalho não seria possível, certamente acertei em minha escolha. Agradeço por tudo, especialmente pelas contribuições profissionais e pessoais nesta etapa. Agradeço ainda pelas palavras de motivação que se fizeram fundamentais quando tudo parecia incerto, meus sinceros agradecimentos pela ajuda na realização de um sonho que não é só meu, agora é nosso.

Estendo ainda meus agradecimentos as professoras Maria Betanha Cardoso Barbosa e Mizant Couto de Andrade Santana pelo aceite do convite para a composição da banca examinadora deste trabalho e pela disposição das mesmas.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar discussões acerca da importância da interdisciplinaridade na contemporaneidade tanto em contexto educacional com a homologação da atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) voltada a uma perspectiva interdisciplinar quanto o uso da mesma no mundo do trabalho no que diz respeito a necessidade de resolução de problemas. Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada uma breve discussão sobre o que vem a ser a interdisciplinaridade, sua presença nas propostas de leis normativas que regem a educação brasileira que visam a melhoria no processo de ensino e aprendizagem nas escolas brasileiras bem como sua utilização por parte da alta gestão pública no que se refere a assessorar um processo de tomada de decisão levando em consideração a avaliação de um profissional de alto escalão do Brasil que a considera importante para o assessoramento e construção de análises rápidas para os problemas que emergem no mundo do trabalho.

Palavras – chave: Interdisciplinaridade. Educação. Mundo do trabalho. Processo de tomada de decisão.

ABSTRACT

The present work aims to present discussions about the importance of interdisciplinarity in contemporary times, both in an educational context with the approval of the current National Common Curricular Base focused on an interdisciplinary perspective and its use in the world of work with regard to the need for resolution of problems. For the development of this study, a brief discussion was carried out on what interdisciplinarity is, its presence in the proposals for normative laws that govern Brazilian education that aim to improve the teaching and learning process in Brazilian schools, as well as its use by part of senior public management with regard to advising a decision-making process taking into account the assessment of a high-ranking professional in Brazil who considers it important for advising and Building quick analyzes for the problems that emerge in the work of work.

Keywords: Interdisciplinarity. Education. World of work. Decision-making process.

LISTA DE SIGLAS

ABIN – Agência Brasileira de Inteligência

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CIA – Agência Central de Inteligência

CNE – Conselho Nacional de Educação

IBAM – Instituto Brasileiro de Administração Municipal

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PGC – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

PUC – MG – Pontifícia Universidade Católica – Minas Gerais

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – TEORIA DO MÉTODO DA PESQUISA QUALITATIVA.....	12
1.1. O Método da Pesquisa.....	13
CAPÍTULO 2 – DISCUSSÕES SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE.....	16
CAPÍTULO 3 – LEIS NORMATIVAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	19
CAPÍTULO 4 – DISCUSSÕES E RESULTADOS	23
4.1. A Interdisciplinaridade no Contexto Educacional	23
4.2. A Interdisciplinaridade no Mundo Do Trabalho	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
APÊNDICE	32
ANEXOS.	33

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo relacionar práticas interdisciplinares no ambiente escolar, através das leis normativas e parâmetros que regem a educação brasileira, com a prática da interdisciplinaridade no mundo do trabalho, especificamente na alta gestão pública, no que se refere a tomada de decisão e resolução de problemas.

A contribuição científica da pesquisa é gerar reflexões e consequentemente debates quanto a importância de um ensino interdisciplinar para as instituições educacionais brasileiras com ênfase na adoção de práticas interdisciplinares que permitam aos estudantes um melhor processo de ensino e aprendizagem e a preparação dos mesmos para os desafios da sociedade.

No que diz respeito ao aspecto social, esta pesquisa visa mostrar a importância de um ensino voltado as práticas interdisciplinares a partir da avaliação de um profissional de alto escalão do nosso país que reforça que o mundo real está exigindo uma postura interdisciplinar para o enfrentamento de desafios que emergem do mundo do trabalho.

No capítulo 1 intitulado “Teoria do método da pesquisa qualitativa”, tivemos como preocupação buscar referências teóricas sobre teoria do método para reflexões acerca do que é trabalho científico e o que é militância. Para isso buscamos na Antropologia embasamento teórico, haja vista que a mesma possui diversas abordagens sobre pesquisa e técnicas a serem adotadas pelo pesquisador (a) em uma pesquisa de campo. No subitem “Método da pesquisa”, buscamos as contribuições de Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos para melhor compreensão de técnicas de pesquisa e definição do tipo de entrevista adequada para obtenção dos dados, a entrevista adotada nesta pesquisa é a não dirigida ou não estruturada que segue um roteiro aberto de perguntas sem necessidade de delimitação de tempo para que os questionamentos sejam respondidos. Neste subitem também é descrito que a entrevista durou cerca de uma hora, sendo realizada via chamada de voz na plataforma de comunicação *WhatsApp* devido a impossibilidade de um encontro presencial com o entrevistado que reside e trabalha em Brasília.

No capítulo 2, são apresentadas discussões sobre interdisciplinaridade com base em autores (as) que debatem a questão da interdisciplinaridade em si e sua aplicação no contexto escolar. Ressaltando a importância da adoção de práticas interdisciplinares nas instituições de ensino para a promoção de uma aprendizagem mais significativa e a não fragmentação do conhecimento, mas a interação de saberes, bem como a importância da interdisciplinaridade na sociedade contemporânea para resolução dos problemas que dela surgem.

No capítulo 3, é discutida a interdisciplinaridade no ensino básico levando-se em consideração as leis normativas como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 e os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio, ambos com propostas que vislumbram o pensar interdisciplinar para a educação brasileira, bem como discussões do Ensino Médio em uma perspectiva interdisciplinar com vistas ao protagonismo dos alunos, suas prioridades e objetivos de vida.

No capítulo 4, são apresentadas as discussões e resultados da pesquisa levando-se em consideração os dados obtidos através da entrevista realizada. O capítulo está dividido em dois subcapítulos, no primeiro intitulado “A interdisciplinaridade no contexto educacional”, se faz o debate sobre a interdisciplinaridade nas escolas de elite no final da década de 80, e a articulação com parâmetros curriculares que passaram a vigorar a partir da década de 90 com perspectiva interdisciplinar. No segundo, intitulado “A interdisciplinaridade na alta gestão pública”, é exposta a experiência de um profissional da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), que faz uso de práticas interdisciplinares no seu ambiente de trabalho.

CAPÍTULO 1 – TEORIA DO MÉTODO DA PESQUISA QUALITATIVA

Para debatermos acerca de questões que envolvem o método qualitativo em pesquisas, se faz necessário a utilização de um referencial teórico proveniente da Antropologia, por esta possuir maior tradição em termos de teoria do método do que a Geografia. A antropologia demonstra competências específicas nas abordagens de campo com os grupos estudados, e esse fator pode contribuir para com as outras áreas do conhecimento, no que diz respeito, as técnicas de coleta de dados e interpretações alternativas das temáticas pesquisadas.

No que se refere a pesquisa, Durham (1986), aponta alguns cuidados que tanto a Antropologia como a Geografia precisam ter, de não desenvolverem diversas pesquisas com diferentes temáticas, mas que não são locadas a um quadro geral das produções científicas, isto é, aparecem fragmentadas e dissociadas de um contexto social e também científico e que não colaboram com a produção do conhecimento.

No que diz respeito as formulações teóricas, é necessário que as teorias e hipóteses sejam testadas pela pesquisa empírica. A ida a campo é indispensável para o pesquisador coletar informações por meio de entrevistas ou conversas informais, pois somente diante do objeto de estudo e do contato com ele pode haver ou não a reformulação teórica. Neste contexto, o trabalho de campo possibilita ao pesquisador a leitura se a teoria apreendida previamente se confirma na prática ou é negada diante da realidade social estudada.

Ao refletir acerca do campo antropológico e geográfico, Durham (1986), ressalta o risco de não haver reflexões acerca do uso de duas técnicas de pesquisa: a observação participante e a participação observante. No que se refere a observação participante, a pesquisa se dá em moldes mais objetivos que afirmam a neutralidade do pesquisador, ideia essa equivocada. No segundo caso, da participação observante, a pesquisa tende a ser de cunho subjetivo, com maior participação do pesquisador nas questões sociais que envolvem o grupo estudado, o que também exige cautela para que a pesquisa não se direcione apenas para militância. Partilhando da mesma linha de pensamento, Cardoso (1986), acredita ser importante tanto para a observação participante quanto para participação observante, reflexões acerca de sua utilidade para a pesquisa.

Na discussão sobre participação observante, embora Durham (1986), e Cardoso (1986), considerem-na importante por esta romper com a ideia de neutralidade científica, ambas alertam que o compromisso e engajamento do pesquisador nas questões do grupo pesquisado apresenta problemas quando essa aproximação e participação se dá apenas por razões ou por identificação

política, pois podem vir a interferir no resultado da pesquisa direcionando a mesma somente a denúncias, onde o pesquisador surge como porta-voz do grupo, e não como sujeito que se aproxima para conhecer e assim colaborar com a produção do conhecimento. Emerge juntamente com esse debate sobre estas técnicas de coleta, a discussão de que apesar da negação da neutralidade do pesquisador ainda se continua a “(...) conceber “os dados” como formas objetivas com existência própria e independente dos atores” (CARDOSO, 1986, p.99).

Alba Zaluar (1986) assim como Durham (1986) concordam que aproximação e o engajamento por parte do pesquisador precisa acontecer, mas que esse necessita compreender que aos olhos do nativo ele é um sujeito estranho, e por isso precisa formular estratégias para garantir sua presença e com isso acesso a informações pertinentes a pesquisa.

No que tange ao método, se faz necessário que o pesquisador estude cada um deles, e assim analise qual pode ser usado em sua pesquisa, haja vista que, alguns métodos podem se mostrar ineficientes ou inadequados para serem aplicados a determinadas situações. Analisando questões que envolvem os pressupostos metodológicos, Cardoso (1986), aponta que não está sendo feita uma reflexão metodológica sobre os limites dos métodos, e algumas pesquisas aparentam tratar essa discussão como impertinente, desconsiderando-se debates sobre as bases teóricas que cada método possui.

Nesta pesquisa, priorizamos a pesquisa de cunho qualitativo, por esta direcionar seus estudos a compreender questões e particularidades que envolvem o ambiente pesquisado de maneira mais aprofundada do que a análise quantitativa. Esta forma de análise busca conhecer de dentro as questões do ambiente ao qual se insere o pesquisador bem como o espaço vivido das pessoas, não se limitando apenas a descrição dos fenômenos tais como se apresentam, mas considerando a maneira como são produzidos.

1.1.O Método da Pesquisa

Como mencionado anteriormente, é necessário que o pesquisador estude os métodos de pesquisa para verificar qual o mais adequado para aplicar a determinadas problemáticas, de maneira que este venha contribuir para com a pesquisa e conseqüentemente com a produção de conhecimento. Sabendo disso, optamos pelo método da pesquisa qualitativa fazendo uso de entrevistas abertas. A aplicação da entrevista ocorreu através do *WhatsApp*, por chamada de voz, tendo em vista a impossibilidade de um encontro presencial em Brasília, local de trabalho

e moradia do entrevistado. Para o armazenamento das informações obtidas foram usados como recursos o celular, gravadores de voz e caderno de campo para anotações.

A entrevista teve como objetivo acessar as informações sobre a história de vida de uma pessoa que faz uso de diferentes conhecimentos de distintas disciplinas para assessorar a resolução de problemas da alta gestão pública. Além disso, buscou descobrir quando e de que maneira este obteve contato para com a interdisciplinaridade.

Para acessar as informações mencionadas acima, a entrevista utilizada foi a que Marconi e Lakatos (2021) denominam como “despadronizada ou não estruturada”, onde “o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal” (p.102).

A entrevista com o agente da ABIN ocorreu também de forma não dirigida que, conforme Marconi e Lakatos (2021), é aquela onde: “há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder” (p. 103). Nesse sentido, as respostas das perguntas realizadas não foram direcionadas, ao contrário, foi dada ao entrevistado liberdade para responder as questões sem interferências durante sua fala.

Ao iniciarmos a entrevista foi comunicado o objetivo da pesquisa e o contexto em que esta estava inserida, bem como assegurada ao entrevistado a total preservação de sua identidade, criando-se desta maneira um ambiente onde o mesmo pudesse expressar livremente suas opiniões e experiências de vida, haja vista que consideramos importante a história de vida do mesmo por esta conter fatos que interessam a pesquisa.

Nesse sentido, levamos em consideração um dos fatores importantes para que uma entrevista obtenha êxito, denominado de “contato inicial”, onde:

O pesquisador deve entrar em contato com o informante e estabelecer, desde o primeiro momento, uma conversação amistosa, explicando a finalidade da pesquisa, seu objeto, relevância e ressaltar a necessidade da colaboração. É importante obter e manter a confiança do entrevistado, assegurando-lhe o caráter confidencial de suas informações. Criar um ambiente que estimule e que leve o entrevistado a ficar à vontade e a falar espontânea e naturalmente, sem tolhimentos de qualquer ordem. A conversa deve ser mantida numa atmosfera de cordialidade e de amizade (rapport). Mediante a técnica da entrevista, o pesquisador pode levar o entrevistado a

uma penetração maior em sua própria experiência, explorando áreas importantes, mas não previstas no roteiro de perguntas. O entrevistador pode falar, mas principalmente deve ouvir, procurando sempre manter o controle da entrevista (MARCONI; LAKATOS, 2021, p. 105).

A referida entrevista durou cerca de uma hora, porém não foi estipulado tempo para que o entrevistado respondesse os questionamentos, tendo em vista as formas de entrevista adotadas para a coleta de dados. Ao final foi mantido o mesmo ambiente em que a conversação foi iniciada para que desta maneira caso houvesse necessidade de coletar mais informações o entrevistado não rejeitasse o convite para outra conversa.

CAPÍTULO 2 – DISCUSSÕES SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade pode ser compreendida de duas formas diferentes, Fazenda (2008) a entende primeiramente como uma junção de disciplinas, mas também como atitude ou ato de ousadia considerando importante não pensar a interdisciplinaridade somente pela definição do Centro para Pesquisa e Inovação do Ensino, que na década de 70 a definiu apenas como uma interação entre duas ou mais disciplinas o que não contribui para que sejam pensadas práticas interdisciplinares.

É importante ressaltar que a interdisciplinaridade não é homogênea, isto é, não possui uma definição pronta e acabada o que permite que a mesma seja pensada como um campo de possibilidades para a construção de conhecimentos diversos. No entanto, para que isso aconteça é necessário o diálogo, no caso dos profissionais da educação, indispensável para o desenvolvimento de práticas e projetos interdisciplinares que almejem a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Sabendo que a interdisciplinaridade possui caráter heterogêneo, é necessário compreendermos em que contexto a mesma surge. A respeito disso Fazenda (2008) enfatiza que as discussões tem início nas instituições de ensino superior. No entanto, esta discussão aos poucos abrange outros patamares de inquietações relacionadas as diferentes esferas da sociedade que diante de problemas complexos não conseguem ver nas disciplinas convencionais capacidade para a resolução dos mesmos.

Neste sentido, cabe não só aos órgãos educacionais como as instituições de ensino, juntamente com seus profissionais, formarem estratégias para elaboração de trabalhos educativos que vislumbrem as práticas interdisciplinares, uma vez que as mesmas propõem que “as noções, finalidades, habilidades e técnicas visam favorecer sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua integração” (FAZENDA, 2008, p. 21). Nesse sentido, é necessário a interação não apenas de disciplinas, mas de saberes, saberes estes de professores e alunos, promovendo, desta maneira, a aproximação de educadores e educandos e desfazendo-se a ideia de que o professor é o único detentor do conhecimento.

Além disso, a interdisciplinaridade para Tavares (2008), tornou-se uma exigência do mundo contemporâneo, onde se faz necessário a inclusão de uma nova forma de ensinar, a interdisciplinar, que contribuirá na preparação do indivíduo, no que diz respeito a enfrentar e lidar com as diferentes mudanças que estão moldando não apenas o conhecimento como também a própria contemporaneidade.

Neste contexto, o professor tem papel importante e precisa constantemente ir em busca de conhecimento para que assim este consiga desenvolver competências necessárias para oferecer este ensino a seus alunos. Neste sentido, Tavares (2008, p.136), alerta que “a competência não se constrói por meio do acúmulo de cursos e de livros, mas de um trabalho de reflexão crítica sobre as experiências de vida, de modelos educativos e das práticas, por intermédio de construção e reconstrução permanentes da identidade pessoal”.

Esta busca pela identidade e reflexão é necessária para que assim aconteça a integração de saberes tanto escolares quanto não escolares. Nisso, se faz importante que os professores sejam também pesquisadores, o que possibilitará que estes repensem e analisem suas práticas constantemente e compreendam o seu papel na sociedade que é de “(...) serem socializadores, construtores e produtores de conhecimento” (TAVARES, 2008, p. 142).

A necessidade de professores com práticas interdisciplinares é imprescindível frente aos desafios que são impostos no mundo, logo, se faz importante a revisão acerca da formação dos professores e do próprio modelo educacional que tende a fragmentar o conhecimento em disciplinas ou oferecer um ensino que não contribui para a resolução dos problemas dos alunos.

Sob tal perspectiva, entende-se que o Brasil precisa rever o modelo educacional adotado buscando por alternativas para a melhoria no processo de ensino e aprendizagem. No que se refere a isto, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), apresenta características que favorecem o ensino interdisciplinar, onde a escola não é vista apenas como ambiente de produção ou transmissão de conhecimento, mas como o lugar onde através da socialização e trocas de experiências formam-se cidadãos críticos com capacidade de refletir acerca das transformações da sociedade.

A respeito do processo de ensino e aprendizagem, Lima destaca:

Hoje, a ênfase nos processos de ensino/aprendizagem está voltada para o indivíduo, ele é o centro das atenções. A opção em se adotar uma prática interdisciplinar de atuar na educação nos levará a uma formação de professores mais completa e um sistema de organização pedagógica comprometido com as transformações sociais, a justiça, a ética, a distribuição de renda, a socialização de conhecimento, a melhoria da qualidade de vida e a inclusão na cadeia cognitiva de indivíduos socialmente desfavorecidos (LIMA, 2008, p.197)

A partir dessa atitude de enxergar os alunos como protagonistas de suas próprias histórias e como pessoas com realidades distintas será possível observar indivíduos mais participativos em questões que envolvem o seu cotidiano. Além disso, as escolas formarão

“construtores, desconstrutores e reconstrutores do conhecimento, um aprendiz autônomo em relação ao meio, o que significa um aprendiz/aprendente que é auto-organizador, autoprodutor e autodeterminado com relação ao seu entorno” (LIMA, 2008, p.198).

No entanto, para que isso aconteça se faz necessário que as disciplinas escolares não fragmentem o conhecimento. Segundo José (2008), é importante ir além das barreiras das disciplinas para que ocorra o rompimento da prática de um ensino transmissivo e morto, distante da realidade das crianças e adolescentes que se encontram presentes nas escolas. Nisto, se faz importante pensar a interdisciplinaridade como instrumento que ultrapasse as barreiras impostas, isto é, como uma proposta de “(...) superação que se realiza por meio do diálogo entre as pessoas que tornam a disciplina um movimento de constante reflexão, criação – ação. Ação que depende, antes de tudo, da atitude das pessoas” (JOSÉ, 2008, p. 94).

A respeito disso, Miranda apresenta algumas características de práticas interdisciplinares, como de que:

(...) a interdisciplinaridade é possível por sua capacidade de adaptar-se ao contexto vivido, reafirmando o respeito às questões do que se apresenta como realidade contextual, seja no aspecto político, econômico, cultural. A interdisciplinaridade se sustenta na base da leitura da realidade tal como ela é, assumindo suas nuances e singularidades, bem como a diversidade presente. Assim, age como transgressora, abrindo brechas às formas enraizadas, colocando as certezas no cenário da temporalidade e dúvida (MIRANDA, 2008, p.11).

Portanto, a importância do pensar interdisciplinar na sociedade contemporânea se faz imprescindível, e juntamente com este, a elaboração de propostas pedagógicas que permitam para a educação a adoção de práticas interdisciplinares que desfaçam barreiras impostas pela fragmentação do conhecimento, e que prepare os cidadãos para o enfrentamento de desafios impostos pelas transformações do mundo globalizado.

CAPÍTULO 3 – LEIS NORMATIVAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Para debatermos sobre o tema da interdisciplinaridade no ensino básico, é importante analisarmos os documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000).

A Base Nacional Comum Curricular é responsável por estipular de que forma a educação brasileira deve ser ofertada, sendo ela “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”. (BNCC, 2017, p.7).

A BNCC possui quatro etapas de educação que atendem distintos públicos, Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio, entendido como a última etapa da educação básica. A mesma suscita algumas questões que devem ser levadas em consideração no ato de ensinar e organizar os projetos políticos pedagógicos, dentre uma das discussões está a preocupação acerca da realidade educacional existente no Brasil. No caso específico do ensino médio, tendo em vista que os estudantes estão mais próximos da emancipação cidadã e do mercado de trabalho, as escolas precisam levar em consideração não somente a aprendizagem de conteúdos como também a preparação de seus alunos para a vida em sociedade e para o mundo do trabalho.

Este problema é objeto de discussões nas abordagens que envolvem a inclusão de um ensino interdisciplinar no ambiente escolar que visa oferecer aos estudantes um ensino que os aproximem da sua realidade vivida e que auxiliem na resolução de problemas. As práticas interdisciplinares também contribuiriam para a solução de desafios do Ensino Médio apontados na BNCC, como por exemplo, a garantia da permanência e “aprendizagens dos estudantes, respondendo as suas aspirações presentes e futuras” (BNCC, 2017, p. 461).

Além disso, a interdisciplinaridade como citado por Tavares (2008), é uma exigência do mundo contemporâneo, logo é necessária para auxiliar no enfrentamento dos desafios postos na atualidade, que no caso do Ensino Médio tem necessidade de:

(...) reconhecer que as rápidas transformações na dinâmica social contemporânea nacional e internacional, em grande parte decorrentes do desenvolvimento tecnológico, atingem diretamente as populações jovens e, portanto, suas demandas de formação (BNCC, 2017, p. 462).

No que se refere ao contexto nacional, a Lei de Diretrizes e Bases estipula alguns princípios para a educação como o “(...) pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (LDB, 1996, p.7) A LDB, em seu Art. 3º traz uma abordagem que dá abertura ao pensar interdisciplinar ao propor a “valorização da experiência extra-escolar” e “vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”. Além disso, no Art.12, propõe que seja realizada a articulação “com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”. Estas propostas vislumbram a interdisciplinaridade que visa aproximar os estudantes da sua realidade vivida e auxiliá-los na resolução de problemas de seu cotidiano.

Neste contexto, a interdisciplinaridade no sentido de interação de saberes:

(...) pode criar condições necessárias para uma aprendizagem motivadora, na medida em que ofereça maior liberdade aos professores e alunos para a seleção de conteúdos mais diretamente relacionados aos assuntos ou problemas que dizem respeito à vida da comunidade (PCN, 2000, p.23)

A Base Nacional Comum Curricular em partes se direciona a um ensino interdisciplinar aos alunos quando propõe que no ato de ensinar “(...) o mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais” (BNCC, 2017, p. 463).

O Novo Ensino Médio aprovado através da Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, trouxe alterações no que diz respeito a aprendizagem requerida dos alunos desta etapa. O ensino anteriormente dividido por disciplinas passou a ser oferecido por áreas do conhecimento que são elas: Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Este modelo visa a formação integral dos estudantes de maneira que os mesmos possam escolher suas trajetórias, ao mesmo tempo que permite que estes construam seus projetos de vida. Desta forma, há o reconhecimento dos mesmos como:

(...) protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos” (BNCC, 2017, p. 463).

Neste sentido, no momento em que a BNCC passa a reconhecer o protagonismo dos alunos está se pensando a interdisciplinaridade e a busca por um ensino que faça sentido para

os alunos por levar em consideração as histórias de vida, o que permite a definição de suas prioridades e objetivos futuros.

A homologação da normativa traz consigo inúmeras discussões como a apresentada pelo ex-integrante do Conselho Nacional de Educação (CNE), Carlos Roberto Jamil Cury, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Pontifícia Universidade Católica – Minas Gerais (PUC-MG) que enfatiza ser necessária uma base nacional, ressaltando que a homologada recentemente não possui sua aprovação, uma vez que a mesma não é comum, pois não permite que “(...) esse “comum” é também aquilo que deve passar pelo rico e pelo pobre”. Em contrapartida, a BNCC afirma seu compromisso pela busca de uma “(...) sociedade justa, democrática e inclusiva” (2017, p.7).

Outra questão suscitada nesses debates diz respeito ao agravamento da desigualdade educacional. Neste caso, a Base Nacional Comum Curricular (2017, p.5) em sua apresentação ressalta que a mesma “(...) por si só não alterará o quadro de desigualdade ainda presente na Educação Básica no Brasil, mas é essencial para que a mudança tenha início porque, além dos currículos, influenciará a formação inicial e continuada dos educadores (...)”.

Além disso, outro impasse em relação a base atual homologada diz respeito a ampla consulta, principalmente aos profissionais da educação, o que pode vir a gerar o distanciamento do que é proposto e aprovado e o que é realmente efetivado nas escolas, sendo esse um fator limitante, haja vista que as escolas brasileiras possuem distintas realidades que variam de aspectos de infraestrutura, quadro de professores até aparato tecnológico para a implementação de um ensino considerado “ideal”.

Para resolver tal problema, a BNCC justifica que:

“(...) espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação. Assim, para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental” (BNCC, 2017, p. 8).

Levando em consideração estas discussões consideramos que o ensino proposto pela base favorece as práticas interdisciplinares na educação apresentando um formato com maior flexibilidade para a construção de uma aprendizagem mais significativa.

A aprendizagem significativa pressupõe a existência de um referencial que permita aos alunos identificar e se identificar com as questões propostas. Essa postura não implica permanecer

apenas no nível de conhecimento que é dado pelo contexto mais imediato, nem muito menos pelo senso comum, mas visa gerar a capacidade de compreender e intervir na realidade, numa perspectiva autônoma e desalienante (PCN, 2000, p. 23).

A interdisciplinaridade neste caso está presente quando a BNCC se mostra preocupada com que os estudantes, especialmente dos anos finais, consigam solucionar problemas e enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Este público deixa de ser visto como homogêneo, na medida em que considera diferentes possibilidades de histórias de vida, oriundas dos mais variados grupos sociais. A BNCC visa, ao menos em tese, que o discente seja preparado não apenas para o mundo do trabalho, como também para a vivência em sociedade, considerando os problemas que dela surgem.

No entanto, é válido ressaltar que a aprendizagem interdisciplinar não visa a eliminação dos conteúdos, mas partir do problema para, então, buscar conteúdos que ajudarão a solucionar o problema em questão. Dessa forma, é uma perspectiva que trata os conteúdos como meio e não como fim em si.

Em nossa interpretação, ao menos em tese, os documentos oficiais possibilitam a abertura para um olhar e pensar interdisciplinar. Sendo assim, cabe as instituições de ensino e seus profissionais abrirem espaço para novas formas de ensinar e aprender, uma vez que a interdisciplinaridade não visa negar a ciência, mas entender os fenômenos e fazer com que a escola se aproxime da realidade dos alunos e que os prepare para o enfrentamento de múltiplas situações. Além disso, as práticas interdisciplinares nas escolas permitirão uma melhor formação cidadã, uma vez que, propõe que existam trocas de experiências, conhecimentos e, principalmente, a interação de saberes entre professores e alunos.

CAPÍTULO 4 – DISCUSSÕES E RESULTADOS

Este capítulo visa apresentar os resultados da pesquisa relacionando as formulações teóricas discutidas anteriormente com a entrevista realizada, haja vista que, somente diante do objeto de estudo a teoria pode ser comprovada, negada ou até mesmo reformulada. Neste caso, o nosso objeto de estudo é o potencial da prática interdisciplinar na alta gestão pública no que se refere ao mundo do trabalho baseado na história de vida de um agente da ABIN que utiliza das práticas interdisciplinares para resolução de problemas.

4.1. A Interdisciplinaridade no Contexto Educacional

Para debatermos acerca da interdisciplinaridade na escola e no mundo do trabalho é importante levarmos em consideração o contexto social e educacional do entrevistado. O mesmo é de uma família de classe média alta da capital, cidade do Rio de Janeiro, estudou em escola particular, tendo segundo ele “as vantagens que estão relacionadas a esse mundo de classe média no contexto do que é o Brasil”.

No entanto, é de conhecimento de que vivemos em uma sociedade desigual, logo essas vantagens não se apresentam iguais para todos. Para solucionar essa discrepância ao menos em tese a proposta da BNCC (2017), almeja dar possibilidades iguais para ricos e pobres ou ainda forçar a promoção de uma educação voltada para emancipação e ação, já praticada há muito pelas escolas da elite, haja vista que, mesmo considerando o lapso de 35 anos, a instituição educacional do entrevistado já adotava práticas interdisciplinares no seu cotidiano como é mencionado pelo mesmo quando este cita que sua escola “tentava construir diálogos com outras ciências e outros saberes”.

O período ao qual estamos nos reportando é a década de 80 e início de 90, onde a interdisciplinaridade ainda que pouco difundida no interior das escolas brasileiras, já se fazia presente nas instituições que ofertam o ensino para a elite. A escola de ensino privado do informante, à época apresentava como proposta educacional “educar para a transformação social”. A mesma possuía diversas abordagens que resvalavam em práticas interdisciplinares as quais os alunos obtinham autonomia na escolha do que cursar a partir das temáticas de seus interesses “podia ser sociologia, tinha estudos de sexualidades, tinha coisas que nem era ciência”. Neste contexto onde se dar maior liberdade ao estudante, já se praticava o que viria a ser uma proposta do PCN no que diz respeito a oferecer “(...) maior liberdade aos professores e alunos para a seleção de conteúdos mais diretamente relacionados aos assuntos ou problemas que dizem respeito à vida da comunidade” (PCN, 2000, p.23).

Além disso, a partir da própria proposta de educação da referida instituição de ensino privado onde o entrevistado estudou, está se colocando em prática uma das questões que seriam abordadas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB/96) no final da década de 90, que diz respeito, a mudança de como a escola seria vista, passando a mesma de uma visão do ambiente de transmissão de conhecimento para um lugar de socialização e trocas de experiências, bem como espaço para formação de cidadãos críticos.

A interdisciplinaridade ganhou visibilidade no cenário atual da educação brasileira, principalmente com a formulação de uma nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homologada no ano de 2017, que tende a possuir uma abordagem interdisciplinar para o ensino, especialmente para o Ensino Médio. Esse fato foi observado pelo entrevistado quando este afirma que hoje em dia nas escolas existe “muito conteúdo interdisciplinar ou transversal” e que essas transversalidades de currículo se dão de maneira “muito mais acentuadas” nos dias de hoje, e tendem a se acentuar ainda mais, no futuro.

Além disso, comenta a respeito da interação entre profissionais de diferentes disciplinas utilizando-se de um exemplo “eu vejo hoje em dia exercícios do dia da água vai juntar o cara da biologia com geografia pra tentar inventar um papel com a matemática nessa história e eu acho que naquele cenário dos anos oitenta ali isso não era tão comum em escola nenhuma”, este aspecto apontado está diretamente ligado ao que ressalta Tavares (2008), sobre a importância do diálogo entre professores para a criação de projetos e práticas interdisciplinares.

A interdisciplinaridade como mencionado anteriormente já estava presente nas escolas elitizadas bem como na própria Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), instituição ao qual o agente cursou graduação em Geografia, quando este fala que tanto “a minha escola quanto a minha faculdade elas me ajudaram na interdisciplinaridade”. Esta afirmação corrobora com a afirmação de Fazenda (2008) quando afirma que tais discussões sobre interdisciplinaridade são iniciadas nas instituições de ensino superior e que aos poucos abrangem outros patamares de inquietações.

Diante disso, é preciso evidenciar o papel da escola e também dos professores no que se refere a uma educação interdisciplinar como apontado por Tavares (2008) quando esta discorre que o professor tem papel importante e precisa constantemente ir em busca de conhecimento para que assim este consiga desenvolver competências necessárias para oferecer este ensino a seus alunos. Uma vez que, para que as escolas adotem práticas interdisciplinares os professores precisam também de uma formação interdisciplinar.

No que tange as disciplinas, entendemos que a geografia nos direciona a um pensar interdisciplinar, uma vez que a própria ciência geográfica aborda conteúdos de diferentes áreas do conhecimento como apontado pelo entrevistado quando este menciona que a mesma “interage com outros ramos do conhecimento mais amplo que o normal, ela flerta no campo da geografia física com ciências exatas, ela flerta no campo da biogeografia com ciências biológicas”. A partir disso, compreendemos que a mesma em certa medida viabiliza a adoção de práticas interdisciplinares por “buscar um contato maior com outras ciências”, que é um dos pressupostos da interdisciplinaridade.

Neste contexto, é importante ressaltar que a não fragmentação do conhecimento também deve ser debatida dentro de cada instituição de ensino superior, haja vista que as mesmas não “conseguem transpor a estrutura burocrática da própria universidade”. Além disso, “ela tende a pensar ainda em caixinhas”. Nesse sentido, é preciso que sejam reforçadas as discussões a respeito da integração de saberes pelas próprias instituições para que assim seja possível cursos de formação continuada voltados para uma perspectiva interdisciplinar.

No que diz respeito a um pensar interdisciplinar, o entrevistado afirma que compreende a interdisciplinaridade “mais como um desejo, como um interesse do que propriamente uma prática de fato feita”. A respeito disso, compreendemos que o desenvolvimento da interdisciplinaridade necessita de uma atitude, tal como enfatizado por Tavares (2008) que acredita na vontade e também no envolvimento humano na busca por conhecimento.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade é vista pelo entrevistado como “algo a ser conquistado e a ser trabalhado sobretudo na composição do corpo, do próprio corpo docente”. A respeito disso, Tavares (2008) enfatiza a colaboração entre os profissionais da educação e o estabelecimento de diálogos uns para com os outros para que sejam propostas práticas interdisciplinares, haja vista que a interdisciplinaridade se tornou uma exigência.

Concluimos que a proposta de adoção de práticas interdisciplinares há algum tempo vem sendo preocupação nas escolas da elite e a oferta de um ensino diferenciado a comunidade escolar por parte das instituições privadas são anteriores as próprias leis normativas que regem a educação brasileira na atualidade. Logo, a questão suscitada em torno do ensino interdisciplinar não emerge com a BNCC (2017) e nem mesmo com a criação da LDB/96 e PCN (2000) mas a LDB, os PCNs e, agora, a BNCC vêm buscando caminhos que tornem acessível a todos aquilo que a escola da elite já fazia, a saber o ensino interdisciplinar.

4.2. A Interdisciplinaridade no Mundo do Trabalho

Como mencionado anteriormente, a interdisciplinaridade é uma exigência do mundo contemporâneo não apenas para as instituições de ensino como também para o mundo do trabalho. Este fato é evidenciado dentro da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), onde todo o conhecimento produzido pela mesma parte de uma lógica interdisciplinar sem que haja preocupações em utilizar apenas uma ciência, haja vista o caráter da instituição que está pautado tanto no “campo das políticas públicas quanto no campo da inteligência que são campos absurdamente interdisciplinares”, que exigem de seus funcionários aptidão na articulação de conhecimentos de diferentes áreas para resolução de problemas cotidianos. A respeito disso, José (2008) vê a interdisciplinaridade como ferramenta que ultrapassa barreiras, neste caso, as barreiras impostas pela disciplinaridade.

O trabalho na ABIN exige uma postura interdisciplinar do agente, uma vez que este está em lugar de assessorar um processo de tomada de decisão. Entretanto, para que este assessoramento aconteça é preciso “buscar conhecimento e saber para assessorar esse processo de decisão onde for”. Desse modo, a interdisciplinaridade é indispensável para o “campo de coisas mais aplicáveis, política pública, inteligência”, uma vez que o gestor espera do agente uma “solução ou uma boa análise do problema e não quer grandes questões teóricas específica de uma ciência ou outra”.

Neste sentido, o seu local de trabalho exige que seja realizada a interação de saberes, interação esta que não seria possível ser vislumbrada apenas com a graduação e mestrado em geografia do agente. Neste contexto, ainda que a ciência geográfica realize o exercício de dialogar com outras ciências fator que a aproxima de uma “perspectiva interdisciplinar” os conhecimentos produzidos dentro dela por si só não são suficientes para solucionar problemas complexos da sociedade.

Na alta gestão pública o informante iniciou seu trabalho nos “sistemas de segurança da sociedade” voltado a questões de conflitos fundiários, trabalhistas que pudessem vir a gerar a “interrupção de serviços essenciais”. Posteriormente, engajou-se nas atividades que dizem respeito ao “crime organizado”, sendo essa a área de seu interesse e área em que o mesmo atua profissionalmente.

Neste aspecto o entrevistado informa que quando precisou lidar com o assessoramento e inteligência a geografia o “restringiu”, sendo necessário que o mesmo buscasse o doutorado em uma perspectiva interdisciplinar para melhor desenvolver sua atividade de assessoramento

ingressando na “Universidade de Brasília (UNB) na área de estudos latinos americanos”, onde o mesmo trabalhou com grupos de fora do Brasil como colombianos e mexicanos “dentro dessa lógica dos estudos interdisciplinares” o que o ajudou a exercer a sua função e reforçar que não é possível ‘trabalhar somente com uma ciência específica’.

O seu ambiente de trabalho possui como exigência uma postura interdisciplinar, tendo em vista o caráter da ABIN que necessita promover a resolução de problemas da sociedade em diversos segmentos. Entretanto, para que isso aconteça não é preciso a construção de “grandes hipóteses explicativas”, mas o estudo do objeto em si e “o recorte desse objeto no mundo” se fazendo “uma leitura que de certa forma desconsidera completamente as disciplinaridades científicas”.

Esse aspecto reforça que o importante para esta função é saber articular saberes de diversas áreas do conhecimento ultrapassando as barreiras impostas pelas disciplinas para assim assessorar a tomada de decisão, isto é, é imprescindível que o profissional consiga fazer a leitura da realidade, ou melhor, do problema, e buscar por informações onde se fizerem necessárias para a resolução do mesmo.

Neste contexto, ao se fazer uso da interdisciplinaridade para resolução de problemas que emergem da sociedade está se dando ênfase a um fato apontado por Miranda quando a mesma afirma que:

(...) a interdisciplinaridade é possível por sua capacidade de adaptar-se ao contexto vivido, reafirmando o respeito às questões do que se apresenta como realidade contextual, seja no aspecto político, econômico, cultural. A interdisciplinaridade se sustenta na base da leitura da realidade tal como ela é, assumindo suas nuances e singularidades, bem como a diversidade presente (MIRANDA, 2008, p. 118).

O trabalho na ABIN exige que o profissional esteja disposto a procurar informações para elaboração de análises e conseqüentemente soluções nas áreas do conhecimento que se fizerem necessárias através de leituras ou até mesmo por meio de conversas com “sociólogos, antropólogos” que auxiliarão no processamento de informações de forma mais rápida, uma vez que um dos aspectos fundamentais da agência são análises rápidas por parte dos responsáveis em assessorar o processo de tomada de decisão.

Neste contexto, o ambiente de trabalho ao qual o agente está inserido requer a articulação de múltiplos conhecimentos a partir de uma lógica interdisciplinar se fazendo constantemente o exercício de ir de uma ciência para outra muito rapidamente como

mencionado pelo mesmo quando diz ir da “Antropologia para a solução sobre química de drogas, por exemplo em um segundo”.

Sendo assim, a interdisciplinaridade tem sido potencializada dentro da alta gestão pública com vistas à solução de problemas que surgem da sociedade e necessitam de soluções e ações exigindo um pensar interdisciplinar para a formulação de análises que auxiliem no assessoramento do processo de tomada de decisão, o que evidencia a urgência do debate sobre a inserção de práticas interdisciplinares na escola para a preparação de indivíduos para o enfrentamento das adversidades e para o mundo do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa chegamos à conclusão de que o uso da interdisciplinaridade é indispensável para a educação brasileira e que o modelo educacional adotado anteriormente não se mostra eficiente em um cenário de fortalecimento democrático e de grandes transformações, onde é necessário pensar avanços para a educação. Certamente debates precisam ser iniciados a partir da reflexão das práticas adotadas para o processo de ensino e aprendizagem, sendo indispensável também refletir acerca da preparação dos jovens para o enfrentamento de desafios que surgem da sociedade.

Neste contexto, se faz imprescindível para essa preparação a articulação de conhecimento entre as disciplinas visando sobretudo a aprendizagem dos alunos, o diálogo entre os profissionais da educação que precisam fazer com que as disciplinas estejam em constante movimento, movimento este que prioriza as experiências cotidianas dos alunos e possibilita a interação de saberes escolares e não escolares, entendendo-se que os estudantes necessitam de uma nova forma de aprender, e que é possível com propostas pedagógicas pautadas em práticas interdisciplinares.

No que se refere a interdisciplinaridade nas leis normativas, Base Nacional Comum Curricular, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Parâmetros Curriculares Nacionais, compreendemos que adoção de uma prática interdisciplinar se encontra em todas elas e a mesma não objetiva a exclusão dos conteúdos, porém partir do problema para buscar outros conteúdos que contribuirão para a solução da problemática em questão, sendo uma perspectiva que assimila os conteúdos como meios e não como fim. Além disso, a interdisciplinaridade é vista nesses documentos como uma forma de aproximar a escola da realidade dos alunos e dar maior flexibilidade para a construção das aprendizagens.

Neste contexto, é válido ressaltar que a interdisciplinaridade muito debatida com a homologação da BNCC (2017) para o Ensino Médio não é uma discussão nova, pois surge anteriormente as leis normativas que trariam em seu bojo uma perspectiva interdisciplinar já adotada no início da década de 80 nas escolas de classe média alta.

No que tange a interdisciplinaridade para resolução de problemas na área da gestão pública, entendemos que essa é importante uma vez que os profissionais precisam tomar decisões considerando a complexidade do real, logo a disciplinaridade perde o sentido, haja vista que uma disciplina só, não tem capacidade de resolver problemas complexos se fazendo

necessária a constante busca por conhecimento onde este estiver presente para análises contundentes que auxiliem no processo de tomada de decisão.

Além disso, é no mundo do trabalho que a interdisciplinaridade ganha força no sentido de ser uma exigência, pois a mesma requer que o profissional consiga articular saberes, haja vista que a sociedade está a todo tempo se transformando e juntamente com estas mudanças emergem problemas que necessitam de análises e soluções. Neste sentido, existe cada vez menos lugar, no mundo do trabalho, como também na atuação cidadã, para a disciplinaridade, pois nele as barreiras que fragmentam o conhecimento devem ser superadas, dando margem ao pensar interdisciplinar com sua capacidade de leitura instantânea da realidade e proposição de caminhos plausíveis para resolução de problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. BRASIL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/leis/19394.htm>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 21 mar. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação, (2000). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, MEC/SEF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

CARDOSO, Ruth C.L. A Aventura do Antropólogo em Campo ou como Escapar das Armdilhas do Método. In.: Cardoso, R (Org.). **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

DURHAM, Eunice R. A pesquisa Antropológica com Populações Urbanas: Problemas e Perspectivas. In.: Cardoso, R (Org.). **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: Visões Culturais e Epistemológicas. In.: Fazenda (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez, 2008.

JOSÉ, Mariana Aranha Moreira. Interdisciplinaridade: As Disciplinas e a Interdisciplinaridade Brasileira. In.: Fazenda (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, Sonia Regina Albano de. Mais Reflexão, Menos Informação!. In.: Fazenda (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. Atualização da edição João Bosco Medeiros. – 9. ed. – São Paulo: Atlas, 2021.

MIRANDA, Raquel Gianolla. Da Interdisciplinaridade. In.: Fazenda (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez, 2008.

TAVARES, Dirce Encarnacion. A Interdisciplinaridade na Contemporaneidade – Qual o sentido?. In.: Fazenda (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez, 2008.

ZALUAR, Alba. Teoria e Prática do Trabalho de Campo: Alguns Problemas. In.: Cardoso, R (Org.). **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

Endereços eletrônicos:

CURY, Carlos Roberto Jamil. **O Ensino Médio sempre foi a pedra de toque da desigualdade social expressa na desigualdade educacional**. Disponível em: <https://www.epsvj.fiocruz.br/noticias/entrevista/o-ensino-medio-sempre-foi-a-pedra-de-toque-da-desigualdade-social-expressa-na> acesso 9 abr. 2023.

APÊNDICE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – ICED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**



Discente: Marlen Augusta Pizza Gama

Orientadora: Alice Ferreira Rodrigues Dias

Roteiro Aberto de Entrevista

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Entrevistado: Agente da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN).

Observação: O nome do entrevistado permanecerá em sigilo.

CONHECIMENTO: A interdisciplinaridade no mundo do trabalho

1. Quem é você?

- Origem social e espacial.
- Detalhamento da trajetória acadêmica.
- Papel da família e da escola na trajetória de vida.
- Detalhar a função que exerce hoje na (ABIN).

2. Seu trabalho na ABIN exige uma postura científica disciplinar ou interdisciplinar prioritariamente? Dê exemplos.

3. Até que ponto a escola/universidade é responsável por suas habilidades interdisciplinares, até que ponto você construiu essas habilidades por imposição do trabalho que realiza?

ANEXOS.

DESCRIÇÃO DA ENTREVISTA

A entrevista foi realizada a distância por chamada de voz na plataforma *WhatsApp* utilizando-se como recursos para coleta de informações celular, gravador e caderno de anotações.

Entrevistadora: Primeiramente quem é você? Qual sua origem social e espacial, sua trajetória acadêmica e sua função na ABIN?

Entrevistado: Bom, vou tentar dá uma resumida, meu nome é “X”, eu nasci em São Paulo, na verdade, é, mas cresci no Rio, então de certa forma eu sou bem mais carioca do que paulista, meus pais são jornalistas, meu irmão também é jornalista, uma família de classe média de um modo geral, de classe média urbana né do Rio de Janeiro. É, e de certa forma eu tive todas as vantagens que estão relacionadas a esse mundo de classe média no contexto do que é o Brasil né, no Brasil no sentido mais amplo.

Bom, pude frequentar escola particular, ter curso de inglês, uma série de coisas[*inaudível*]. Eu resolvi fazer geografia em grande parte por conta de um interesse que eu sempre tive em geografia, era digamos assim desde a escola a matéria que mais me interessava que eu achava, é, que mais despertava interesse e que mais me instigava. Então essa decisão não só era uma decisão muito simples, de modo em geral era uma coisa que até meio exótico na escola que eu estudava, a maioria do pessoal ia fazer economia, engenharia, medicina, ah não sei quê, ah, tinha gente de história também, era uma opção, mas não lembro de mais ninguém da minha escola por exemplo, não tinham ido fazer geografia, até depois teve, mas naquela época não.

Na geografia eu optei pela UFRJ, exatamente pela UFRJ ser a principal referência em todos os guias que existiam na época falando sobre geografia no Rio de Janeiro e no Brasil como sendo uma das melhores, a melhor do Rio e uma das melhores. E dentro da geografia primeiro eu tive algumas dificuldades ali em me encontrar e tem essa diferença do que é a geografia da escola e o que é geografia do mundo, acadêmica de fato, mas depois de um tempo eu conseguir ter clareza de que era aquilo mesmo, cheguei pensar em mudar pra história, mas no final valeu a pena ter feito geografia, me engajei em pesquisas muito cedo a partir do terceiro período já era bolsista de iniciação científica e gostei muito da questão pesquisa né, como evoluir na pesquisa a partir de um certo ponto tive contato com uma parte mais aplicada da geografia.

Na época a minha mãe trabalhou como assessora de comunicação do Instituto Brasileiro de Administração Municipal lá no Rio de Janeiro que trabalha e presta de certa forma assessoria a políticas públicas, sobretudo locais.

Aí lá no IBAM eu fui trabalhar com algo que eu já tava mexendo mais ou menos na faculdade né, tendo essa parte de geografia econômica, geografia do desenvolvimento, do desenvolvimento regional, era uma discussão em geral sobre espaço de economia, de como o espaço e a economia se relacionam, e eu gostava muito disso, e fui parar dentro do IBAM no que se chamava de Núcleo de Desenvolvimento Local que era muito voltado pra construir políticas de desenvolvimento a partir de redes locais, sobretudo como o município poderia fomentar a própria economia local.

E, esse assunto, eu curtir muito esse assunto, esse assunto eu toquei pra frente durante muito tempo, aí conclui a o bacharelado e meio que decidi ali emendar direto o mestrado, eu meio que seguir uma época que eu estagiava, tava estudando para o mestrado ao mesmo tempo comecei a fazer a licenciatura, fazia as três coisas ao mesmo tempo, foi bem puxado, mas foi bom, aí acabei me firmando lá mesmo dentro do IBAM mesmo e tocando simultaneamente o IBAM e o mestrado.

No IBAM eu sair da questão de estagiário, virei, fui entregue ao corpo. Primeiro como consultor externo depois como celetista mesmo da organização e ao mesmo tempo conseguir concluir o mestrado, meio sofrido o que era pra ser em dois anos passaram a ser quatro, eu tava trabalhando muito ao mesmo tempo e aí fiquei trabalhando durante pelo menos até 2008 nisso daí. Eu entrei pra faculdade em 94, então essa trajetória que eu estou falando, foi uma trajetória de 14 anos entre eu entrar pra faculdade de geografia e eu meio que encerrar esse ciclo da geografia muito próxima a essa parte de assessoramento no campo da do desenvolvimento regional, da geografia econômica.

Bom, o que eu fui percebendo, e é uma coisa, eu lidava muito com política pública, lidava muito com esse cenário de Brasília aqui também, aqui onde eu moro hoje em dia e, alguma coisa que eu fui percebendo muito nesse campo da assessoria pública é que havia de certa forma nos cargos que estão à frente das políticas públicas, eu honestamente achava o pessoal mal formado.

A gente era contratado pra prestar assessoria e eu tinha a impressão que as pessoas que as pessoas que estavam contratando a gente diziam olha esses caras estão aqui em Brasília onde se tomam as decisões, a gente assessora tecnicamente, mas você vai vendo que de certa forma as pessoas aqui não eram tão bem formadas e ao mesmo

tempo do ponto de vista salarial, os salários aqui em Brasília e a gente tá falando talvez auge do governo Lula né, momento que o servidor tá recebendo muito bem ali.

Os salários eram muito superiores aos das iniciativas privadas no Rio de Janeiro, aí aparece essa possibilidade, eu tava pensando o que eu faria, poderia fazer um doutorado, tentar uma carreira acadêmica, e aí aparece no meio do meu caminho a ideia de um concurso da ABIN, eu tinha amigos aqui na ABIN, tinha dois amigos meus pelo menos que eu conhecia, e eu já vinha a um tempo tentando entender né tem interesse também, não sei se vocês já viram um livro: “Em como será o mundo em 2020: As previsões da Cia” era algo assim que pra mim pra escrever aquilo ali era inteligente né, pra você produzir conhecimento. A definição de inteligência na versão clássica é produção de conhecimento para auxiliar no processo de tomada de decisão.

E, isso me interessava muito já era o que eu fazia de certa forma né, só que esse conhecimento que eu produzia tava ligado mais uma dinâmica acadêmica do que propriamente outros meios de produção de conhecimento. E, aí eu fui ver as possibilidades da ABIN que ofereceu um concurso e eu decidi fazer, e aí foi puxado, eu trabalhava oito horas por dia, estudava para o concurso a noite, final de semana. Quando saiu o edital, eu sei lá, passei uns três meses só fazendo isso mais nada na vida, e consegui passar, não passei nas primeiras colocações não, mas passei e vim ver o que era isso aqui, foi uma decisão difícil pedir demissão do meu trabalho onde eu tava lá como empregado celetista tinha empresa lá no Rio de Janeiro tomei essa decisão de fechar tudo e ver o que ia dar isso aqui.

E no começo eu não diria que foi muito bom não, tive que vim fazer um curso de três meses de formação aqui e super foi tranquilo, um pouco chato, mas tranquilo. E quando eu chego aqui na ABIN eu tô num local muito, ah muito digamos é um órgão de um modo geral, muito velho, muito atrasado em muitos sentidos. É um órgão que ainda tinha muitos resquícios da ditadura militar, por isso muita gente convocada de concurso para o órgão, sobretudo o nível de direção, e foi uma trajetória um pouco difícil sobretudo no começo tratava-se sistemas de segurança da sociedade, mas sobretudo ligadas a conflitos com fundiários, conflitos ah, como por exemplo, conflitos trabalhistas que possam levar a interrupção de serviços essenciais ou estruturas críticas. E era um tema que não vou dizer que era de todo ruim, mas não era um troço que eu curti muito não.

E, depois eu consigo me engajar aqui na atividade, na área de crime organizado que era um interesse que eu já tinha desde o Rio de Janeiro né, a gente carioca bem ou

mal esse é assunto que tá sempre na porta do dia, tá sempre vivendo aquilo e isso sempre me interessou e eu nunca tive oportunidade de trabalhar profissionalmente com o assunto, e aí isso eu curtir muito, e aí nesse assunto eu me engajei tô pelo menos dez anos, chegou uma hora que eu resolvi fazer um doutorado aqui na UNB na área de estudos latinos americanos que eram, e eu começo a trabalhar muito com grupos de fora né colombianos, mexicanos e aí eu fui vendo que esse era um tema que fazia sentido trabalhar dentro dessa lógica dos estudos interdisciplinares de comparados sobretudo o que era o caso desse doutorado.

E eu particularmente tava louco pra fazer uma coisa interdisciplinar, já tava um pouco de saco cheio de ficar preso na geografia, então e aí continuo concluo o doutorado, continuo trabalhando aqui e com possibilidades agora de talvez ingressar a área de estudos ambientais vamos ver o que vai acontecer. Mas de modo geral, eu diria que gosto muito do trabalho que eu faço, é um trabalho que usa muito a geografia, a geografia considero a melhor formação para isso daqui, e eu diria que é isso a minha trajetória é essa, eu sou basicamente alguém que tem o privilégio e faz o que gosta hoje em dia no Brasil de modo geral, tem problemas, tem problemas, mas eu sou alguém que faz o que gosta eu me definiria assim respondendo assim a sua pergunta.

Eu sempre gostei muito de geografia, é, embora a geografia com as disciplinas no ponto de vista formal ela interage com outros ramos do conhecimento mais amplo que o normal, ela flerta no campo da geografia física com ciências exatas, ela flerta no campo da biogeografia com ciências biológicas, ela já é uma ciência de algum grau, ela tem uma, não tô dizendo que a geografia é interdisciplinar, mas ela tem uma natureza que vai buscar um contato maior com outras ciências e isso já me fascinava um pouco na geografia. Tinha que buscar explicações para conseguir construir uma hipótese explicativa ou teria que buscar muitas vezes elementos de outras ciências, outros saberes né. Agora, mesmo assim ela é uma ciência ela veio com uma estrutura explicativa muito focada evidentemente focada na questão do espaço e assim tem suas limitações né.

Para mim, foi muito prazeroso da graduação até o mestrado, mas quando eu comecei a trabalhar tanto no campo das políticas públicas quanto no campo da inteligência que são campos absurdamente interdisciplinares né, não importa, não está aqui para produzir ciência, você tá aqui para assessora um processo de tomada de decisão, você vai buscar conhecimento e saber para assessora esse processo de decisão onde for né. Então eu já vi que no ponto de vista do meu trabalho já não cabia mais muito essa possibilidade de ficar tão preso as ao modelo da geografia.

Então a possibilidade de fazer algo interdisciplinar pra mim era bastante instigante, era realmente o que eu queria, aí bom, pra falar um pouco mais sobre essa questão quando eu chego ah na no doutorado [inaudível], no comparado das américas, hoje em dia chamado Departamento de Estudos Latinos Americanos da UNB, ele se declara interdisciplinar, só que tem algumas questões que você vai vendo que as coisas não são tão interdisciplinares assim, você chega lá ele está estruturado nas regras dos Institutos de Ciências Sociais, tinha algum grau de enraizamento das ciências sociais, você ver as trajetórias dos professores, trajetória dos alunos é majoritariamente das ciências sociais.

A própria emissão do diploma, ela é em ciências sociais, de certa forma eles não conseguem transpor a estrutura burocrática da própria universidade, a universidade tem uma estrutura burocrática que é bem estanque né, ela tende a pensar ainda em caixinhas, no ponto que organizada burocraticamente para pensar em caixinhas. É, e bom quando eu chego lá eu vejo que existe uma predominância das ciências sociais, pra mim até foi bom porque minha formação em ciências sociais era um pouco precária, tinha feito duas matérias na vida, estudado muito pouco isso me ajudou e por um lado foi muito bom também porque eu me sentia muito preso e tinha que buscar informações onde quer que eu fosse.

Evidentemente eu tinha dificuldades em sair da geografia né que ali era minha bengala que quando a coisa ficava muito complicado eu corria pra ela, meu próprio projeto era um projeto em cima de território que é um conceito bastante geográfico de modo geral, não diria muito trabalhado nas ciências, mas bastante geográfico e então eu trabalhava numa interdisciplinaridade, mas assim, de um modo geral ainda um pouco preso da minha parte, na parte da geografia ia puxando uma coisa dali, uma coisa daqui, mas me calcando na geografia, isso foi bom.

Eu acho que eu mais ou menos precisava, eu não tinha possibilidades ali também de sei lá, de tentar me transformar em cientista social, eu não tinha nem tempo pra isso, ou que vou virar uma pessoa completamente interdisciplinar, circulando a economia da geografia para outras ciências com facilidade, isso teoricamente é possível, mas na prática não é tão simples né, porque as pessoas tem uma trajetória de construção do raciocínio delas e em algum grau você vai sempre levar isso com você mesmo que você mude para outro campo você vai construindo né a sua própria forma de interpretação de construção lógica.

Então do ponto de vista, acho que o último ponto interessante da interdisciplinaridade nesse processo, o próprio doutorado lá ele teve muitos problemas, é, dentro da avaliação da CAPES, ele se declarava interdisciplinar aí eu acho que do ponto de vista que é interdisciplinar existe uma pontuação mais difícil do que é para um curso que tá vinculado a uma ciência específica, sobretudo porque como lá tinha muita gente egresso das ciências sociais eu acho que as teses ali tavam muito arraigadas em ciências sociais e isso gera um problema em termos de pontuação mesmo da Capes.

Então chegou até inclusive ter uma ameaça da nota cair muito ir pra três sei lá, correr risco de fechamento. E quando eu tava saindo as pessoas conseguiram reverter essa questão da nota, continuou funcionando lá, não me lembro se com quatro ou cinco, uma coisa assim, acho que uns cinco agora. Mas sei que estava se discutindo naquela época uma manobra pra migrar definitivamente para as ciências sociais. Era muito difícil se manter como algo interdisciplinar no ponto de vista da pontuação.

Então eu vejo as vezes a interdisciplinaridade mais como um desejo, como um interesse do que propriamente uma prática de fato feita. É algo difícil, é algo a ser conquistado e a ser trabalhado sobretudo na composição do corpo, do próprio corpo docente né, de gentes de todas as áreas, de áreas diferenciadas, é uma construção de interdisciplinaridade, não é algo instantâneo, é algo que tem que ser buscado e que não é fácil, foi essa a sensação que eu tive, mas é muito interessante sobretudo pra quem tá nesse campo de coisas mais aplicáveis, política pública, inteligência, porque ninguém aqui do ponto de vista profissional tá querendo saber grandes questões teóricas não. De modo geral, o decisor, o gestor seja lá quem for que você for assessorar ele quer a solução ou uma boa análise do problema e não quer grandes questões teóricas específicas de uma ciência ou outra não, é mais pragmática realmente neste sentido.

Entrevistadora: Seu trabalho na ABIN exige uma postura científica disciplinar ou interdisciplinar prioritariamente? Dê exemplos.

Entrevistado - Bom, primeira coisa acho que importante tanto no campo da inteligência quanto o campo da política pública, é, a gente pode dizer que o conhecimento que a gente produz não é necessariamente científico, as metodologias de produção de conhecimento tanto na inteligência quanto na assessoria de um modo geral, os assessoramentos são baseados em evidências tal qual a ciência, mas não necessariamente vão seguir o método científico.

Ah, eles tem mecanismos de validação destas hipóteses de certa forma mais frágeis que o método científico, o método científico é mais rigoroso por isso método científico exige um aporte teórico, embasamento teórico mais sólido né, é, aqui sobretudo, na ABIN, eu posso dizer que existe uma metodologia própria, criada de produção de inteligência própria não dá ABIN, mas de uma cultura de inteligência bastante ultra anglo-saxônica, um pouco diferente daquilo que estamos acostumados, realmente pragmática, em alguns sentidos até simplistas demais, são muito objetivos. As validações as vezes são do tipo olha você procura três fontes fidedignas, as fontes são classificáveis, se as três fontes disserem a mesma coisa então você pode considerar isso como se fosse verdade, parece banal, simplista, evidentemente que tem que ter bom senso nisso tudo também, mas são validações mais simples do que as cientistas tá.

Por alguns motivos, o primeiro motivo é que as coisas elas são feitas de forma muito mais aceleradas, então não tem os tempos da ciência para tomar certas decisões. Acho que agora na Cepa da covid nos vimos esse choque entre metodologia científica e a necessidade de tomada de decisão e, aí a gente viu isso inclusive muitos processos de validação inclusive de medicamentos, vacinas foram feitos de maneira mais rápida do que o normal porque havia uma necessidade, uma urgência, agora tem um tempo que é central na ciência é dar validade boa pra coisas de modo que isso ajuda a diminuir riscos.

Então na inteligência existe mais chance de errar, mas você consegue produzir as coisas de maneira mais rápida. Ah, a outra diferença em termos de produção de inteligência e de assessoria também e de produção científica tá [inaudível] o decisor de modo em geral, pode parecer bem ruim e talvez seja em algum grau, mas não é uma pessoa que vai ter tempo para sentar e ler um documento, ele vai ter que tomar, tem milhões de atribuições a fazer e as vezes tem que ler coisas mais curtos. Então existe, uma coisa que é muito exercitada na gente, inclusive do ponto de vista de construção de textos é como colocar o exercício de minimalismo, é você colocar o mínimo necessário em texto, então o nosso texto o ideal é que quase nada passe de três páginas, quatro páginas, evidentemente que tem casos em casos, situações mais complexas, mas o ideal é você fazer coisas muito curtas, muito curtas.

Ao contrário da academia né, que você é estimulado a fazer coisas bem longas, acho que até isso tá mudando um pouco com a cultura do artigo né, onde o artigo tá virando mais, ganhando muito mais relevância do que a tese. Eu acho que isso tem mudado, mas no meu trabalho aqui na ABIN o tipo de coisa que a gente produz é

baseado sobretudo na metodologia de inteligência o que não é assim como fontes pra tudo o que eu produzo muitas vezes eu uso o material científico também pra ler material produzido, sei lá, sobre o PGC produzido por vários sociólogos eu vou conversar com esses sociólogos, antropólogos, com cientistas mesmo que trabalha com o PGC. Eeeeh - isso de certa forma é processado, que é o que a gente usa aqui processado de uma forma bem mais rápida.

Então por exemplo quando eu tô escrevendo pra ABIN ou quando eu tô escrevendo pra minha tese eram duas formas muito diferentes de escrever e de pensar, pra mim era claro na minha cabeça quando eu tô falando pra ABIN e quando eu tô falando pra tese [inaudível], não se usa citação num relatório de inteligência, já evidentemente numa tese você tem que tá o todo tempo dizendo de onde você tirou outras coisas. No relatório de inteligência não funciona bem assim, é bem mais direto.

Então o que eu posso dizer basicamente sobre o meu trabalho é isso, a gente produz conhecimento, mas sobre uma outra lógica que é muito interdisciplinar a ponto da gente nem se preocupar de que ciências vem alguma coisa, não importa muito isso, ler, eu vou da Antropologia, como por exemplo, da Antropologia pra solução sobre química de drogas, por exemplo em um segundo, não importa isso. Se tiver que usar um elemento da química aqui pra entender porque que eu, colher o trato de cocaína de tal lugar diferente de outro lugar, a gente vai, não precisa fazer grandes discussões teóricas sobre isso.

É muito mais focado no objeto, o objeto que você tá lidando e o recorte desse objeto no mundo, no interesse do tomador de decisão, eu não construo grandes hipóteses explicativas aqui, penso que para o tomador de decisão precisa saber e a partir daquilo eu recorto o objeto. E uma leitura que de certa forma desconsidera completamente as disciplinaridades científicas, eu diria. Não sei se eu expliquei bem.

Entrevistadora: Até que ponto a escola/universidade é responsável por suas habilidades interdisciplinares, até que ponto você construiu essas habilidades por imposição do trabalho que realiza?

Entrevistado: Olha eu acho que a escola, na escola, nossa, na escola eu nem parei pra pensar. Acho que evidentemente a gente tem uma formação que passa por humanas e exatas isso é uma coisa que ajuda né bem ou mau ajuda a construir raciocínios diferentes né e lidar com problemas de ordens diferentes, a escola tem que lidar com matérias diferentes Biologia, Química que você pensa que não é bom, isso ajudou. Eeeeh – não saberia dizer se poderia ser

melhor ou poderia ser pior, mas nosso modelo de escola, sei que existem países no qual você opta muito mais cedo por algo que vai tá ligado a humanas ou algo que vai tá ligado a exatas ou biológicas.

O nosso modelo que eu acho que talvez seja um pouco mais holístico nesse sentido por ter outras temáticas e coisas como artes e outras coisas, mas o nosso modelo bem ou mau ele força a você a trabalhar com capacidades diferentes, formas de pensar diferentes, muito distintas isso eu acho que me ajudou. Embora pra mim, desde muito cedo tava claro que meu mundo é das humanas, muito claramente. Na universidade eu falei sobre a geografia, a geografia por ser essa ciência que dialoga muito com outras ciências, eu acho que ela já te leva um pouco pra essa perspectiva da interdisciplinaridade né. De alguma maneira você aprender a buscar muitas vezes respostas em outros saberes, isso eu acho que a geografia é uma coisa interessante.

Eeeh – ela me ajudou, mas eu diria que quando chegou realmente esse meu momento de lidar com assessoramento e inteligência ela me restringiu um pouco tanto é que eu realmente fiquei muito feliz em buscar o meu doutorado interdisciplinar, não sei se me vejo um dia fazendo pós-doc fazendo em geografia, acredito que não, eu iria buscar uma outra coisa interdisciplinar alguma possibilidade interdisciplinar seria minha preferência, eu gosto muito desse mundo da interdisciplinaridade, sobretudo, depende muito de tempo né porque pra você migrar de uma ciência pra outra de fato não é uma coisa fácil e tem que ter um conhecimento razoável pelo menos do básico daquela ciência das principais teorias, principais escolas, eu não acho isso tão fácil, acho que isso demanda tempo, demanda muito tempo e esforço.

Mas eu gosto, particularmente gosto bastante e eu acho resumindo a minha escola quanto a minha faculdade elas me ajudaram na interdisciplinaridade, mas quando foi necessário eu tive que buscar coisas fora e é necessário eu ti digo pra trabalhar nesse assessoramento de inteligência vai precisar muito pensar a interdisciplinaridade quem vier aqui achando que vai trabalhar somente com uma ciência específica não vai conseguir e aí por isso que eu volto a dizer que a geografia é uma formação boa pra quem vai trabalhar nesse campo pelo fato dela dentro em outras ciências possíveis ela já ser uma que tem uma proximidade maior e diálogo com as outras ciências.

Eu acho que dentre as ciências a geografia é uma das que lida e também pelo fato dela lidar com dados muito concretos, você lida com a espacialidade. Eeeh - e dentro as ciências humanas ela é a mais pragmática porque ela lida com o espaço com algo, evidentemente ela lida com outros elementos imateriais certamente, mas ela tem um aspecto digamos mais

objetivo que outras ciências que pode permitir a ir para raciocínios mais teoricamente menos palpáveis, pela geografia puxar mais pra Terra, e eu gosto disso.

Orientadora – X, você lembra se na sua escola, na escola no ensino básico, eeeh – de acordo com você, uma escola de classe média se ela já tinha preocupação em elaborar projetos interdisciplinares, fazer trabalhos de campo, eeh – com uma perspectiva disciplinar ou se era uma escola profundamente disciplinar e tradicional muito mais voltada pra assimilação de conteúdos você pode falar um pouquinho mais sobre a sua escola? Em termos de nível básico

Entrevistado: Tá, é bom eu acho que por ter uma questão de tempo né, eu acho que naquela época falando dos anos 80 basicamente, era oitenta início de noventa, essa ideia de interdisciplinaridade não era tão disseminada né nas escolas, eu vejo hoje em dia aí, com minha esposa que dar aula tem muito conteúdo interdisciplinar ou transversal digamos assim, acho que é um termo mais apropriado pra escola.

Eeeh – sei lá, eu vejo hoje em dia exercícios do dia da água vai juntar o cara de biologia com geografia pra tentar inventar um papel com a matemática nessa história e eu acho que naquele cenário dos anos oitenta ali isso não era tão comum em escola nenhuma até onde eu sei.

Eu acho que isso era, realmente pouco trabalhado, pouco trabalhado, ela não era uma escola tão conteudista no sentido de que bem ou mal, na minha escola e eu estudei no Colégio São Vicente de Paulo no Rio de Janeiro, ele/ela é uma escola famosa ali por ser uma escola ligada a teologia da libertação então ela tinha uma proposta, a proposta da escola é, era “educar para transformação social” isso hoje em dia não é muito comum e também não era tanto naquela época. Então ela tinha algumas discussões, por exemplo, a gente tinha uma matéria no segundo grau chamada “introdução as ciências humanas”, ai você podia escolher algumas ciências humanas do tipo podia ser sociologia, tinha estudos de sexualidades, tinha coisas que nem era ciência, tinha coisa de artes, tinha outras agora eu não – tinha política também, a minha escola tinha um conteúdo [inaudível], então eu acho que dentro daquele contexto ela tentava sim, sobretudo no ensino, no segundo grau equivalente ao ensino médio de hoje em dia.

Então eu acho que ela tentava sim, mas isso era muito incomum naquela época. Ela tentava construir diálogos com outras ciências e outros saberes agora por exemplo nada disso valia nota exatamente, eu acho que isso era um pouco diferente, nesse sentido naquela época. Eu acho que ela tentava dentro das limitações da época é isso que eu diria, eu acho que isso é muito menos do que é hoje as transversalidades de currículo me parece ser muito mais

acentuadas, estamos falando de uma época antes de LDB, e eu acho que isso depois veio bem mais acentuado.